

# **LEMBRANÇAS DO VIVIDO: MEMÓRIA E CULTURA POPULAR NOS BAIRROS DO ROGER E TAMBÍÁ**

**Mayk Andreele do Nascimento / mayk\_andreele@yahoo.com.br  
Graduado em Ciências Sociais e mestrando em Sociologia pela UFPB.**

Palavras-chave: memória; cultura popular; cotidiano.

Nas últimas três décadas do século XX, inúmeras transformações ocorreram na cidade de João Pessoa, sobretudo no que diz respeito a configuração urbana, às condições de trabalho, de moradia e ao contexto cultural mais amplo. Estas mudanças, por sua vez, ocasionaram transformações nos costumes e práticas culturais populares na região que compreende os bairros do Roger e Tambiá.

Esta pesquisa está voltada para as práticas culturais de uma camada subalterna da sociedade. Este trabalho se propõe a deixar em evidência a voz daqueles que costumeiramente são excluídos não só em termos econômicos, sociais e políticos, mas também culturais - não só privados do acesso à educação formal, mas também vistos como destituídos de cultura, tendo suas práticas ignoradas ou tratadas como cultura menor, tosca.

Por isso mesmo, os depoimentos orais são essenciais a esta pesquisa. Pois, como afirma Paul Thompson: “A história oral [...] pode devolver às pessoas que fizeram e vivenciaram a história um lugar fundamental, mediante suas próprias palavras” (THOMPSON, P. 1992, p.22).

A memória dos moradores da região é fundamental para essa pesquisa. É essa memória que nos guia pelos caminhos da cultura popular, pois é a partir dela que podemos dar conta dos sentidos e significados dessa cultura para seus participantes. Aqui, a preocupação é com os processos culturais e com as experiências de seus participantes.

Nesta pesquisa, os moradores, “sujeitos-viventes”, ao recontar suas histórias sobre os espaços e os tempos no bairro, me permitem escavar o passado recente para iluminar as disjunções do tempo presente. Deste modo, me aproximo da perspectiva teórica que homens em contextos tão diversos quanto Walter Benjamin, Edward P. Thompson e Homi Bhabha conseguem compartilhar – a proposta de escrever uma história dos vencidos.

Neste trabalho a transmissão de experiências assentadas em costumes em comum é encarada como uma face contemporânea da resistência cultural popular diante do

ritmo de vida engendrado pelas transformações urbanas (que tende a atropelar as relações de personalidade impressas no dia-a-dia).

Atento as constantes reordenações da vida social advindos das transformações urbanas, pretendo ressaltar o caráter processual e ambíguo da resistência à impessoalidade e a massificação, impressa pelos “costumes em comum” partilhados nas práticas culturais populares.

Busca-se documentar as transformações históricas, sociais e culturais ocorridas na região que têm afetado a cultura popular, tomando como base dados escritos e outros registrados em pesquisas anteriores e, acima de tudo, aquelas informações provenientes de depoimentos dos moradores.

### **Por uma história a contrapelo: o ponto de vista dos vencidos**

Nosso trabalho se aventura em escavar a história de dois bairros da cidade de João Pessoa, Roger e Tambiá, e se apóia em grande medida em narrativas tecidas por moradores da região.

Ao dar a voz aos moradores para que narrem a história recente de seu bairro procuro problematizar a suposta linearidade que se constrói nos discursos sobre a cidade, o progresso e suas transformações urbanas modernizadoras. Nesta empreitada é preciso estar atento às discontinuidades. Neste sentido meu olhar recai sobre as falas dissonantes, as narrativas que nos mostram uma face oculta da história, a voz subalterna.

Aqui apresento o pensamento de Walter Benjamin como um guia de referência lateral. Para Benjamin, a historicidade, é sempre marcada por rupturas, e não por um movimento contínuo e linear.

A alegoria benjaminiana do cortejo dos dominadores nos revela a face assustadora do progresso: “Todos os que até hoje venceram participam do cortejo triunfal, em que os dominadores de hoje espezinham os corpos dos que estão prostrados no chão. Os despojos são carregados no cortejo, como de praxe. Esses despojos são o que chamamos bens culturais.” (BENJAMIN, 1985, p. 205).

O trabalho do historiador materialista se fundamenta na crítica da tradição da história historicista (que culmina na história universal) com seu *continuum* teleológico. Para Benjamin esta perspectiva assinala a empatia do historiador historicista com os vencedores, “portanto com os dominadores.” Benjamin se posiciona do lado dos vencidos e aposta na retomada do passado visando à transformação do presente.

“Os mortos não estarão em segurança se o inimigo vencer. E este inimigo não tem cessado de vencer.” (BENJAMIN, 1985, p.203).

Para Benjamin o ato de rememoração pode ser lido como uma retomada salvadora do passado. O autor volta seu olhar para as gerações passadas, com a finalidade de atender os apelos, os ecos das vozes daqueles que foram vencidos pela história, pela barbárie, na qual se impõe a cultura ou a tradição triunfante.

Isto só é possível quando o historiador provoca um rasgo no discurso bem costurado e engomado do historicismo e “se detém bruscamente numa constelação saturada de tensões” (BENJAMIN, 1985, p.207).

Podemos sugerir ainda que, para Benjamin, o historiador se aproxima do poeta, aquele que, como bem lembrou Drumond, “Veio para contar o que não faz jus a ser glorificado”. Sua tarefa é redimir o insignificante, o quase invisível, os instantes obscuros da história.

Benjamin procura reconfigurar a autêntica atividade do historiador materialista: o responsável pela restituição da história dos vencidos, assentada na ruptura, e não na continuidade, que resulta na falsa idéia de progresso contínuo e linear do processo h i s t ó r i c o .

Pode-se sugerir que o projeto benjaminiano de escrever uma história a contrapelo assume uma feição contemporânea ao inspirar a transgressão empreendida pela prerrogativa pós-colonial. Procurarei situar esta aproximação trazendo a discussão o local da cultura em Homi Bhabha.

Analisar a cidade a partir de suas margens e bordas exige um outro tipo de temporalidade, distinto daquela linearidade proposta pela visão historicista e pelo holismo cultural. Trata-se de uma recusa da narrativa monolítica do progresso. Pensar a cidade a partir de suas descontinuidades permite contemplar uma outra temporalidade de escrita da história, baseada em suas fissuras.

Homi Bhabha procura pensar a nação a partir de suas margens - os conflitos sociais e as vivências das minorias. O autor propõe que se considere temporalidades diversas e múltiplas, levando em conta as escritas que foram silenciadas.

Bhabha assinala a existência de uma temporalidade disjuntiva, onde os subordinados intervêm no processo de significação e alteram as representações dominantes. Na temporalidade disjuntiva, como proposta por Bhabha, a escrita da cultura requer um tipo de duplicidade ambivalente, que contemple os eventos e narrativas que ficaram à margem da escrita monológica do historicismo e de seu tempo homogêneo e vazio.

Para Bhabha o tempo disjuntivo, ao revelar outras vozes, questiona o conceito de nação homogênea traduzido na metáfora do *muitos como um*, e move-se para outro

topos no qual as experiências individuais são valorizadas como integrantes de uma coletividade.

A partir desta perspectiva, pretendo ressaltar que a escrita da cidade jamais conseguirá abolir a diferença, uma vez que as contra-narrativas surgem no nível subterrâneo.

Walter Benjamin, em “*O narrador: considerações sobre a obra de Nikolai Leskov*”, discute a noção da perda da experiência que passa de pessoa para pessoa, a fonte a que recorrem todos os narradores. Benjamin nos oferece um exemplo marcante quanto a este fenômeno: “Quando se pede num grupo alguém que narre alguma coisa, o embaraço se generaliza. É como se estivéssemos privados de uma faculdade que nos parecia segura e inalienável: a faculdade de intercambiar experiências.” (BENJAMIN, 1985:198).

O processo de transmissão de geração para geração, que Benjamin observa na arte de narrar, para o autor está sendo corroído pelo surgimento da imprensa e a conseqüente derrubada da experiência pela informação. Uma das causas deste fenômeno, para Benjamin, é óbvia: “as ações da experiência estão em baixa, e tudo indica que continuarão caindo até que seu valor desapareça de todo.” (idem).

Segundo Benjamin, as condições para transmissão plena da experiência já não existem no mundo industrial. A faculdade de intercambiar experiências, que parecia inalienável, é destruída e junto com ela a capacidade de dar conselhos.

A rede que teceu o dom narrativo foi a dos teares. A narrativa revela traços indissociáveis com o trabalho manual, conforme assinala Benjamin, “esta rede se desfaz hoje por todos os lados, depois de ter sido tecida, há milênios, em torno das mais antigas formas de trabalho manual.” (BENJAMIN, 1985, p.205).

Eclea Bosi problematiza a assertiva benjaminiana. A autora, a partir de um longo trabalho de escuta das memórias, lutas e esperanças das classes subalternas, aponta para uma visão alternativa. “Se há uma relação que une época e narrativa, convém verificar se a perda do dom de narrar é sofrida por todas as classes sociais; mas não foi a classe dominada que fragmentou o mudo e a experiência; foi a outra classe que daí extraiu sua energia, sua força e o conjunto dos seus bens.”(BOSI, 2003, p.29).

Também deve ser considerada a temporalidade específica da cultura popular, sua relação com uma forma de uso do tempo distinta daquela própria da cultura hegemônica e da produção capitalista. A cultura popular se vincula ao tempo cíclico ou sazonal. A percepção e o uso do tempo característicos das práticas culturais populares se vinculam à experiência comunitária, a uma situação em que “parece haver pouca separação entre ‘o trabalho’ e ‘a vida’.” (THOMPSON, E. P., 1998:289).

Alfredo Bosi diz que o tempo da cultura popular, diferente do tempo cultural acelerado do sempre novo da indústria cultural, é cíclico e “seu fundamento é o retorno de situações e atos que a memória grupal reforça atribuindo-lhes valor. [...] a condição material de sobrevivência das práticas populares é o seu enraizamento”. (BOSI, 1992:11).

A cultura popular nesta perspectiva é lida em contraposição a abordagem dos folcloristas. Nesta direção, surge ao invés de um passado morto, pronto para ser “resgatado”, um passado e um presente de resistências, derrotas e lutas silenciadas. Ecléa Bosi salienta o elemento político presente na “resistência teimosa” da cultura popular:

“Uma resistência diária a massificação e ao nivelamento, eis o sentido das formas da cultura popular.(...) Empobrecedora para a nossa cultura é a cisão com a cultura do povo: não enxergamos que ela nos dá agora lições de resistência como nos mais duros momentos da luta de classes.”(Bosi,1986:23)

Assim, compreendendo o passado como fundamental no trabalho de recuperação das experiências silenciadas, perdidas, utilizo a história oral como um instrumento privilegiado para recuperar memórias e resgatar experiências de histórias vividas em condições de subalternidade.

### **A abordagem da história oral**

A problemática atual em torno da legitimidade da história oral, constata que o desprezo pela história recente e o tempo presente deita raízes na formação da disciplina histórica. A construção de um *metier* historiográfico exigia a afirmação de um método interno coeso para a demarcação do campo científico que se contrapunha a pesquisa de amadores. A perspectiva era a de que o trabalho historiográfico exigia um tipo de objetividade que as fontes orais não garantem. Por temer que a objetividade da pesquisa pudesse ser comprometida a história criava limitações para o trabalho com a proximidade temporal.

Em linhas gerais pode-se dizer que os relatos pessoais eram vistos como inadequados para a explicação da coletividade por sua dimensão individual. Condenava-se a sua subjetividade, levantavam-se dúvidas sobre as visões distorcidas que apresentavam, enfatizava-se a dificuldade de se obter relatos fidedignos. Em contrapartida, esta perspectiva desvalorizou a análise do papel do

indivíduo, desqualificando o uso dos relatos pessoais, das histórias de vida, das autobiografias.

Deste modo, durante o século XX os debates que se seguem reiteram uma sombra de suspeição sobre os estudos que se apóiam em depoimentos orais. A desqualificação dos testemunhos diretos e a interdição dos estudos dos períodos recentes foram, em grande medida, mantidos.

A partir da década de 70, período crítico para as grandes teorias da história, tornou-se intenso nas ciências humanas o interesse no estudo da memória social. Essa perspectiva que explora as relações entre memória e história possibilitou uma abertura para a aceitação do valor dos testemunhos diretos. O mérito desta abertura metodológica é neutralizar as tradicionais críticas e reconhecer que a subjetividade, as distorções dos depoimentos e a falta de veracidade a eles imputada podem ser encaradas de uma nova maneira, não como uma desqualificação, mas como uma fonte adicional para a pesquisa.

Com este processo, entra em evidência alternativas importantes para a revalorização dos atores e de suas estratégias, gerando uma nova discussão sobre o papel das fontes históricas, permitindo que a história oral ocupe um novo espaço nos debates historiográficos atuais.

No caso da presente pesquisa, em primeiro lugar, a pouca visibilidade da cultura popular e sua ausência nas publicações e em outros registros existentes fazem com que a principal fonte das informações procuradas seja a memória daqueles que vivenciam este contexto cultural. Mesmo quando existam outros registros, os depoimentos permitem conhecer a visão “do outro lado”, a visão dos “excluídos”.

Como aponta Martins: “Tal mudança significa reconhecer como **sujeitos** da história e sujeitos do conhecimento os grupos e classes subalternos.” (MARTINS, 1989:119). (grifo do autor).

Ao pesquisar as imagens nas quais os atores históricos representam seu mundo, podemos identificar as estruturas da imaginação coletiva e o poder do grupo social que as criou.

### **Memória e História recente**

“A memória é a mais épica de todas as faculdades.(...) Mnemosyne, a deusa da reminiscência, era para os gregos a musa da poesia épica. A reminiscência funda a cadeia da tradição, que transmite os acontecimentos de geração em geração.”(BENJAMIN, 1985).

Quando se trata de história recente, afirma Eclea Bosi, “feliz o pesquisador que se pode amparar em testemunhos vivos e reconstituir comportamentos e sensibilidades de uma época”.

Os trechos desfiados da narrativa são exemplos significativos de como se deu a incidência do fato histórico na vida cotidiana das pessoas, dos traços que deixou na sensibilidade popular daquela época.

Eclea Bosi focaliza o aspecto da construção social da memória, enfatizando as relações entre os sujeitos e as coisas lembradas. “na maior parte das vezes lembrar não é reviver, mas refazer, reconstruir, repensar, com imagens e idéias de hoje, as experiências do passado” (BOSI, 1987:11).

Deste modo, exilar a memória no passado é deixar de entendê-la como força viva do presente. Lembrar é mais que um reviver de imagens do passado. A memória é também uma construção do passado pautada em emoções e vivências; ela é flexível, e os eventos são lembrados à luz da experiência subsequente e das necessidades do presente.

A memória é, sim, um trabalho sobre o tempo, mas sobre o tempo vivido. O tempo não flui uniformemente, o homem tornou o tempo humano em cada sociedade. Segundo Eclea Bosi na modernidade se configura uma temporalidade específica. “A sociedade industrial multiplica horas mortas que apenas suportamos: são os tempos vazios das filas, dos bancos, da burocracia, preenchimento de formulários... (BOSI, p.24). mais a frente a autora assinala que

“(...) nossos ritmos temporais foram subjugados pela sociedade industrial, que dobrou o tempo a seu ritmo, “racionalizando” as horas da vida. É o tempo da mercadoria na consciência humana, esmagando o tempo da amizade, o familiar, o religiosos... A memória os reconquista na medida em que é um trabalho sobre o tempo, abarcando também esses tempos marginais e perdidos na vertigem mercantil.”(p.53)

Eclea Bosi indica nesta passagem a (re)existência de uma temporalidade marginal no universo da memória. Como lembramos anteriormente com Benjamin e Bhabha, o tempo histórico pode ser observado a partir dos seus interstícios, encarado não como um bloco monolítico e coeso, mas como processual e aberto. Devemos atentar para as discontinuidades, as narrativas dissonantes, as dobras e rasuras.

A aposta inicial desta pesquisa é atentar para como a temporalidade viva da memória revela experiências vividas na clandestinidade, vozes silenciadas, culturas de margens e outras narrativas presentes nos espaços da cidade.

É importante respeitar os caminhos que os recordadores vão abrindo na sua evocação porque são o mapa afetivo da sua experiência e da experiência do seu grupo. Tomando como exemplo os diálogos já tecidos com os moradores dos bairros do Roger e Tambiá, acrescento que as memórias revelam muito até mesmo da sua cidade, a João Pessoa dos últimos decênios do século XX, que é justamente o quadro espaço-temporal comum daqueles que entrevisto.

### **O trabalho com a memória na pesquisa de campo**

A narrativa tecida a partir da memória oral é extremamente rica. Para Eclea Bosi “A fala emotiva e fragmentada é portadora de significações que nos aproximam da verdade. Aprendemos a amar esse discurso tateante, suas pausas, suas franjas com fios perdidos quase irreparáveis.” Na nota de rodapé desta passagem, com poeticidade, Eclea Bosi acrescenta sobre o “estar em campo”. “Pesquisadores de campo, somos hamletianos, desconfiamos do discurso desenvolvido, sem lastro. Estamos sempre à procura do que está ainda inexpresso e do que hesita em ser capturado pela interpretação.” (BOSI, 2003, p.53).

Na presente pesquisa, estar atento para combater o preenchimento das pausas nas falas dos depoentes. O silêncio aqui é um elemento extremamente expressivo e deve além de ser respeitado, trabalhado com atenção. Como aponta a autora: “se quisermos nos aproximar da esfera que resiste ao formato social, registremos as hesitações e silêncios do narrador. Os lapsos e incertezas são o selo da autenticidade.”(BOSI, 2003, p.63-64).

Quanto ao grau de veracidade dos testemunhos orais, lembremos que o sujeito da pesquisa ao rememorar não deve estar sujeito ao olhar inquiridor do pesquisador, como se ele estivesse no banco dos réus para dizer a verdade, somente a verdade. Como aponta Eclea Bosi “Ele, como todos nós, conta a sua verdade.” (BOSI, 2003, p.65)

Assim, as possíveis distorções dos depoimentos e a falta de veracidade a eles imputada, (críticas básicas apresentadas na desqualificação do uso de depoimentos orais), podem ser encaradas de uma nova maneira, não como uma desqualificação, mas como uma fonte adicional para a pesquisa. As distorções da memória podem se revelar mais um recurso do que um problema, já que a veracidade dos depoimentos não é a preocupação central.

No que diz respeito a relação pesquisador-pesquisado me aproximo da perspectiva de Eclea Bosi sobre o momento do diálogo em campo, onde “da qualidade do vínculo vai depender a qualidade da entrevista”(BOSI, 2003, p.60).

Desde a pesquisa na graduação sou muito grato a disponibilidade dos moradores em suportar minha presença enquanto contavam estórias, conversavam, jogando dominó ou dama nas praças de seu bairro. Este contato, embora temporalmente ocasional, me possibilitou absolver muitas lições de vida. Os entrevistados responderam com gentileza, boa vontade, criando uma atmosfera agradável e cheia de calor humano. Confiaram-nos recordações que as envolviam emocionalmente, as vezes empenhando toda sua pessoa.

O entrevistador precisa receber uma formação especial e compreender o depoimento como um trabalho do sujeito. Nossa abordagem em campo se comporta o máximo possível na perspectiva de deixar o sujeito da entrevista a vontade, com liberdade de compor e de encadear, à sua vontade, os momentos de seu passado.

Um outra linha que busco articular em campo é a tendência a colher depoimentos que são autobiografias. Vale lembrar que estas são um rico testemunho histórico, a trajetória do indivíduo no tempo.

Segundo Eclea Bosi: “a narrativa é sempre uma escavação original do indivíduo, em tensão constante contra o tempo organizado pelo sistema. Esse tempo original e interior é a maior riqueza de que dispomos.” (BOSI,2003, p.27).

O que nos importa é fazer emergir dos depoimentos uma visão de mundo. Mais do que documento unilinear, a narrativa mostra a complexidade do acontecimento. É a via privilegiada para chegar até o ponto de articulação da História com a vida cotidiana.

Nas memórias coletadas procuraremos apontar para suas representações, atribuindo um papel central às relações entre memória e história. Deste modo pretendo realizar uma discussão sobre as transformações urbanas ocorridas na cidade de João Pessoa (intensificadas a partir da década de 1970) enfocando o ponto de vista subalterno, dos vencidos de ontem e de hoje, e atentar para as pistas sobre suas resistências. Pretendo sugerir que no tempo vivo da memória, emergente na voz subalterna, opera uma temporalidade disjuntiva, distinta da linearidade do tempo disciplinado no capitalismo industrial. Essa dissonância assinala o que Homi Bhabha chama de “contra-modernidade”, o ato de resistência como uma rasura na narrativa hegemônica do progresso moderno.

Busca-se, em síntese, fazer emergir a voz daqueles que produzem a cultura popular e dela partilham, fazendo um contraponto ao discurso hegemônico.

Há um esforço para que essa voz possa ser ouvida. No entanto, uma voz mediada pelo texto, pelos interesses do pesquisador, por um aparato teórico e metodológico, como não poderia deixar de ser.